

TRABALHOS DE CONCLUSÃO DE CURSO

O DOM DE LÍNGUAS EM CORINTO

Cleber da Silva Eustáquio

Bacharel em Teologia pelo Unasp, Campus Engenheiro Coelho, SP

TCC apresentado em dezembro de 2007

Orientador: Wilson Paroschi, Ph.D.

Resumo: O presente trabalho tem como foco a manifestação do dom de línguas na igreja de Corinto. Como entender os conselhos paulinos a respeito encontrados na epístola? Seria um padrão hoje a ser seguido? Esta pesquisa buscará a resposta a estes questionamentos. Para tanto, busca-se a noção geral do que é entendido entre os principais comentaristas acerca do “falar em línguas” no contexto coríntio e no contexto histórico. Em virtude da dificuldade de estabelecer a realidade (referente a este caso) na igreja de Corinto, é demasiadamente importante conhecer as características da cidade naquela época; as influências que permeavam o estilo de vida dos nativos e as demais informações pertinentes ao tema em questão.

Palavras-chave: dom de línguas, Igreja, Corinto.

Abstract: The present study focuses in the manifestation of the gift of tongues in the Church in Corinth. How to understand the counsels of Paul that are found in the epistle? Do they represent a pattern to be followed today? This research looks for answers to these questions. It overviews the opinions of the major scholars that deal with the phenomenon of “speaking in tongues” in the context of Corinth and in the context of history. In view of the difficulties to establish the reality concerning this case in the Church of Corinth, it is of primary importance to get a better knowledge of the characteristics of that city at the time, of the influences that permeated the life style of its natives, and the other pertinent data concerning the theme in question.

Keywords: Gift of Tongues, Church, Corinth.

CLEBER DA SILVA EUSTÁQUIO

O DOM DE LÍNGUAS EM CORINTO

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao Curso de Teologia do Centro Universitário Adventista de São Paulo – Campus Engenheiro Coelho, como requisito parcial à obtenção da graduação no Bacharelado em Teologia sob a orientação do Prof. Wilson Paroschi, Ph. D.

Engenheiro Coelho – S.P.

Dezembro de 2007

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	03
I. REVISÃO DE LITERATURA	05
1.1. Língua Estrangeira	05
1.2. Língua Extática	07
1.3. Conclusão Parcial	08
II. CONTEXTO HISTÓRICO	09
2.1. Contexto Histórico	9
2.2. A Primeira Vez em Corinto	12
2.3. A Relação Posterior Entre Paulo e Corinto.....	13
2.4. Conclusão Parcial.....	14
III. ANÁLISE EXEGÉTICO-TEOLÓGICA	16
3.1. O Contexto de 1 Coríntios 12 e 13	17
3.2. Contexto e Exegese de 1 Coríntios 14	19
3.3. Conclusão Parcial.....	23
CONCLUSÃO	24
BIBLIOGRAFIA	27

INTRODUÇÃO

O dom de línguas é um tema, ao mesmo tempo, antigo e atual. Alguns afirmam que manifestações semelhantes já ocorrem entre os pagãos há muito tempo. Na Bíblia, encontramos seu surgimento no livro de Atos, especificamente nos dias em que se comemorava o Pentecostes, uma festividade israelita. Em Atos 2, Lucas narra como contexto as orações feitas pelos discípulos, e a descida do Espírito sobre eles, quando “passaram a falar em línguas” (At. 2:4). A consequência é que milhares de pessoas ouviram o discurso de Pedro “em sua própria língua” (At. 2:8), e três mil destes foram batizados nesse dia (At. 2:41).

Ainda há pelo menos mais dois relatos de Lucas onde ocorreu o dom de línguas (At. 10 e 19). Contudo, o mais controverso texto a respeito da glossolalia (gr. *glôssa*, língua; e *laléin*, falar) não é escrito pelo evangelista, mas pelo apóstolo Paulo. Este trecho está na primeira epístola aos coríntios, nos capítulos 12-14. Talvez seja o problema mais difícil de tratar nesta carta. E muita controvérsia tem acontecido por causa da má compreensão do que Paulo quis dizer nessa exposição. O problema é ainda maior, haja vista a dificuldade envolvida em identificar o que exatamente se sucedia naquela igreja.

Nossa questão, portanto, é a seguinte: como era a manifestação do dom de línguas na igreja de Corinto? Como entender os conselhos paulinos a respeito encontrados na epístola? Seria um padrão hoje a ser seguido? Esta pesquisa buscará a resposta a estes questionamentos.

Para tanto, o trabalho se desenvolve em três capítulos, à parte da conclusão. Primeiramente, uma breve revisão de literatura é feita, para se ter uma noção geral do que é entendido entre os principais comentaristas acerca do “falar

em línguas” no contexto coríntio. O contexto histórico recebe atenção no segundo capítulo. Em virtude da dificuldade de estabelecer a realidade (referente a este caso) na igreja de Corinto, é demasiadamente importante conhecer as características da cidade naquela época. As influências que lhe permeavam, o estilo de vida dos nativos, enfim, procuraremos relacionar informações pertinentes ao assunto tratado.

Completando a abordagem geral, uma análise exegético-teológica faz-se necessária no terceiro capítulo. Entender o significado de palavras-chave no contexto da perícopes e do livro, bem como a reflexão teológica sobre o que será descoberto constitui passos indispensáveis à pesquisa acadêmica. Um apanhado geral e a posição final do trabalho são fornecidos a seguir.

CAPÍTULO I

REVISÃO DE LITERATURA

Os autores que discorrem sobre a primeira carta de Paulo aos coríntios constituem um número bastante elevado. Entretanto, ao redigir o comentário de I Coríntios 14 e a glossolalia em Corinto muitos não se pronunciam, limitando-se à mera referência das hipóteses levantadas por outros. Em vista dessa realidade, a bibliografia quanto à forma em que se manifestava o dom de línguas em Corinto não é exaustiva, sendo que a menção de uns poucos autores é suficiente para demonstrar a interpretação corrente em diferentes meios teológicos.

Dentre as teorias apresentadas há divergências de detalhes acerca da manifestação da glossolalia, razão pela qual não as consideraremos separadamente, mas como uma pequena vertente de posições mais significativas. Portanto, para explicar a expressão “e em espírito fala mistérios”, podemos dividir os autores em dois grupos principais: 1) os autores que explicam os “mistérios” como uma língua estrangeira e desconhecida para os membros locais de Corinto; e 2) aqueles que entendem os “mistérios” como línguas extáticas, com sons monossilábicos; conseqüentemente, ininteligíveis.

1.1. LÍNGUA ESTRANGEIRA

O primeiro grupo (Champlin, 1999, p. 213; Kugelman, 1972, p. 55; Santos, 2002, p. 218; Grudem, 1994, p. 579; Hasel, 1994, p. 124; Mills, 1972, p. 28; Robertson, 1977, p. 33) define “e em línguas fala mistérios” como línguas

conhecidas e faladas no mundo de então. Esses autores são quase unânimes em enfatizar que as “línguas” estão entre os dons do Espírito e praticamente excluem a possibilidade de haver uma contrafação satânica desse dom em Corinto.

Para defender a tese, apóiam-se no fato de que no original, a palavra “estranha” (ARC) não aparece, o que na opinião destes retira qualquer fundamento para acreditar na manifestação de um língua extática ou angélica naquela igreja. É importante frisar que a maioria dos pertencentes a essa hipótese vêem forte semelhança entre os livros lucanos e paulinos, ou seja, dentro do nosso contexto, entre Atos e 1 Coríntios, respectivamente. Nesse caso, o “dom” que Paulo estaria tratando aqui seria o mesmo do evento pentecostal de Atos 2, onde claramente línguas estrangeiras são a manifestação do dom de línguas.

Quanto ao que significa “mistérios” (v. 2), duas hipóteses são levantadas neste grupo. A primeira hipótese seria porque na congregação local não haveria nenhum conhecedor do idioma falado. Visto que não entenderiam nada do que estava sendo proferido, aos ouvintes se tornaria um mistério e, portanto, totalmente despropositado naquele contexto.

Na segunda hipótese, a argumentação gira em torno do valor que esse termo possui nos escritos paulinos. Estes autores afirmam que, principalmente em Colossenses e Efésios, mas também noutros escritos, “mistério” parece ter um significado especial nas cartas assinadas pelo apóstolo Paulo. Os “mistérios” seriam novas verdades reveladas por Deus, antes escondidas, agora abertas; o próprio Cristo e a salvação por Ele proporcionada constituem a essência ou conteúdo de tudo isso. Com isso em mente, não é difícil entender que o “mistério” ser daria pela imaturidade daqueles cristãos, sendo a “nova verdade” um tanto

complicada para seu estágio na fé. Portanto, aos ouvintes tornar-se-ia um mistério.

1.2. LÍNGUA EXTÁTICA

O segundo grupo (Bittencourt, 1999, p. 127; Morris, 1992, p. 204; Brown, 1984, p. 439; Henry, 1989, p. 461; Fee, 1997, p. 185; Graham, 1980, p. 162; Chaij, 1970, p. 29; Stagg, 1967, 38) define “e em línguas fala mistérios” não como idiomas existentes naqueles dias; todavia, seria o idioma proferido pelos próprios anjos, ininteligíveis a qualquer ser humano. Outra vertente corrente (ainda inclusa nessa posição) considera que em Corinto não se falava exatamente à maneira dos anjos, mas uma linguagem cujo conteúdo não passava de sons monossilábicos, sem propósito algum (extática).

Os autores, em sua maioria, crêem que os membros da igreja local não construíram o hábito de emitir sons monossilábicos (ou a falar a língua dos anjos, supostamente) a partir do nada, porém, extraíram esse costume dos pagãos em suas festas e rituais de toda sorte. Tendo em mente essas idéias, a compreensão dos “mistérios” do v. 2 torna-se bastante lógico. Sendo a linguagem celestial (dos anjos), ou mesmo uma língua inexistente naqueles dias, que pronunciaria apenas sons desconexos, qualquer uma das hipóteses deixa claro a incompreensão dos presentes numa reunião onde este “dom” se manifestasse. Este grupo não crê em nenhuma correlação negativa entre o suposto dom manifestado entre os coríntios e o ocorrido do Pentecostes, sendo o primeiro uma perversão do segundo.

1.3. CONCLUSÃO PARCIAL

A revisão bibliográfica efetuada neste capítulo foi importante em demonstrar que o texto proporciona interpretações diferentes. Vimos que existem duas possibilidades básicas de interpretação neste texto ao que se denomina “mistérios”. Essa divergência de possíveis leituras demonstra a necessidade de um estudo.

CAPÍTULO II

CONTEXTO HISTÓRICO

Esse capítulo contribui para determinar de forma breve a situação local que envolveu e motivou o envio da epístola por parte do escritor inspirado. Todavia, é essencial explicar os pressupostos que temos ao iniciar essa parte de nossa pesquisa. De antemão assumimos a autoria paulina de 1 Coríntios, em razão do consenso indicar nessa direção; e isto também quanto à data, que varia com maior frequência entre 54/55 a.C. Portanto, ambos os tópicos não serão objetos de discussão nesse capítulo.

Além desse aspecto, mostra-se pertinente expor de forma clara as peculiaridades da cidade portuária de Corinto. Procedendo dessa maneira, alguns conselhos do apóstolo automaticamente serão mais bem compreendidos por nós, inclusive nos auxiliando na resolução de nossa problemática. Começamos por esse último ponto, em seguida tratamos da situação em que a carta foi escrita.

2.1. Contexto Histórico

Junto a Roma, Éfeso e Alexandria, Corinto era uma das cidades mais importantes do extenso Império Romano no primeiro século da era cristã. Existente há muito tempo, a ponto de ser referida pelo poeta Aristófanes (por volta de 400 a.C.), havia ultrapassado há pouco seu primeiro século em sua nova fase, exatamente no período em que o apóstolo Paulo ali se instalou para disseminar o evangelho (em torno de 50/51 d.C.).

Em meados do segundo século a.C. Roma estava lutando para acoplar a Acaia, pertencente à Grécia, ao restante do Império. Os interesses deste estavam sob a liderança do cônsul romano Lucius Mummius. No entanto, as principais cidades locais, apesar de oferecerem resistência, não foram capazes de vencer a batalha por completo; e Corinto, que liderava a Liga das Cidades-Estados Gregas da Acaia, estava simplesmente arrasada no fim do conflito, em 146 a.C.

Por praticamente um século assim permaneceu a velha Corinto: em ruínas. Contudo, não seria assim por muito mais tempo. O Imperador Júlio César, em 44 d.C., resolveu reedificar a destruída cidade por sua localização geográfica estratégica. E de fato, tratou-se de uma excelente decisão para economia, comércio e desenvolvimento daquela região.

Sua localização era invejável. Além do fato de que era a capital da província romana da Acaia, rotas de comércio de leste a oeste e de norte a sul cruzavam aquela cidade, tornando-se um lugar famoso para os marinheiros e viajantes que passavam por ali. De norte a sul não havia outra rota; obrigatoriamente quem navegasse por aqueles mares ancoraria nesse lugar, isto é, seria uma influência gigantesca sobre os habitantes dali, assim como seria quase impossível não absorver em grande medida os costumes da região.

William Barclay descreve alguns dos principais grupos de novos moradores enviados por Júlio César para estabelecer moradia e fazer parte da reedificação de Corinto; ele menciona os veteranos romanos, que ganhavam um pouco de terra sempre que uma cidade passava a existir (constituíam a espinha dorsal da nova localidade), mercadores interessados na posição estratégica da cidade, uma elevada população judaica e, por último, fenícios e frígios e orientais com toda

sorte de vícios e falta de tradições possíveis (Barclay, 1983). David Prior, em seu comentário da primeira epístola aos coríntios, afirma que “uma colônia romana era uma Roma plantada em terras habitadas por outros povos” (Prior, 1995), ou seja, cultivavam os mesmos hábitos.

Um dos atrativos da cidade eram os jogos ístmicos, em importância inferior apenas aos jogos olímpicos em Atenas, que atraíam competidores de vários lugares da época. Tal era o interesse acerca desses jogos que não deixou de ser disputado, mesmo com a cidade destruída. Mas fama real de Corinto devia-se à sua imoralidade e perversão. E isso já vinha desde os idos tempos, quando a expressão “corintianizar” era sinônimo de imoralidade, refletindo simplesmente a falta de princípios que encontrava expressão plena na cidade. Com o passar do tempo tornou-se um provérbio para designar uma vida corrompida, moralmente falando, tamanha a devassidão local.

Curiosamente, Corinto era uma cidade religiosa. Enquanto cosmopolita e rica, estima-se que havia 26 templos e santuários naquele local, que obviamente uniam sua devoção à imoralidade. Talvez o melhor exemplo da libertinagem sobre a qual nos referimos acima seja o procedimento usado na “Acrocorinto”, onde provavelmente estava o mais conhecido de todos os templos. Esta era uma montanha com cerca de 560m; o templo de Afrodite, a deusa grega do amor, estava nesse local.

No início de cada noite, para oferecer seus serviços nas ruas, mil sacerdotisas (na verdade, prostitutas “sagradas”) desciam à cidade. O culto realizado por estas mulheres era dedicado à glorificação do sexo, com o aval geral

da população. Como o trânsito de pessoas era intenso pela cidade, com mercadores, marinheiros e viajantes, o apoio destes nunca faltava nesses cultos.

Havia pelas ruas outro lema que bem expressava as vis paixões dos coríntios: “Cultura e cortesã”, mais uma alusão aos serviços das sacerdotisas de Afrodite. Estas pessoas apreciavam muito também a arte, por isso a referência à cultura. Enfim, constituíam um povo que buscava a satisfação dos próprios desejos, e pouca atenção era dada a uma vida regrada e de cuidado com a saúde e o corpo. Leon Morris, em poucas palavras, define muito bem a população de Corinto: “Intelectualmente alerta, materialmente próspera, mas moralmente corrupta” (Morris, 1992).

2.2. A Primeira Vez em Corinto

Volvamos nossa atenção para a relação do apóstolo com a cidade, principalmente com a igreja por ele estabelecida. Conforme referido anteriormente, Paulo esteve em Corinto pela primeira vez por volta de 50/51 a.C. Estava em sua segunda viagem missionária, e dizem os comentaristas que ele nunca havia estado em uma metrópole como Corinto, tanto no estilo de vida depravado quanto em termos populacionais. Era seu maior desafio até então. Valendo-se de estratégia evangelística é que teve seu paradeiro naquela cidade. Se disseminasse o evangelho ali, ele naturalmente atingiria terras as mais distantes possíveis. Os “confins da terra” seriam alcançados pelas boas-novas da salvação em Cristo.

Através da narrativa de Atos sabemos que Paulo permaneceu em Corinto por 18 meses (At. 18:10). Quando chegou, encontrou Áquila e Priscila, casal vindo

de Roma e convertidos ao cristianismo. Logo de início firmaram amizade, pois tinham algo em comum: compartilhavam a mesma profissão (At. 18:3a), a ponto de decidirem residir sob o mesmo teto (At. 18:3b).

Pela leitura que fazemos do texto de Atos, Paulo se fez ativo imediatamente, persuadindo “judeus e gregos”, sem distinção. Alguns entendem que quando os líderes se opuseram à pregação de Paulo na sinagoga, um novo local de reunião apareceu, o que seria a casa de Tício Justo (At. 18:7). Todavia, apesar das dificuldades envolvidas, havia frutificação do trabalho: “Muitos dos coríntios , ouvindo, criam e eram batizados” (At. 18:8). Dentre os “muitos”, Lucas destaca o “principal da sinagoga”, Crispo, elucidando o poderio do evangelho propagado pelo apóstolo, e seu alcance ilimitado no tange às diferentes classes intelectuais e sociais.

2.3. A Relação Posterior Entre Paulo e a Igreja em Corinto

Passados um ano e meio de pregação, Paulo parte para outro lugar, mas ainda mantêm contato com a igreja de Corinto. Os familiares de Cloe (1 Cor. 1:11) o mantêm informado do que tem ocorrido na igreja, o que subtende uma contenda na igreja. Mas a própria igreja também expõe algumas dúvidas ao apóstolo por meio de cartas (1 Cor. 7:1).

Paulo respondeu suas dúvidas de forma sistemática. A carta que hoje conhecemos como 1 Coríntios é muito clara nas mudanças de assuntos que vão sendo tratados; Fórmulas introdutórias como “quanto a...” (7:1, 16:1). “com respeito a...” (7:25, 12:1) e “no que se refere a...” (8:1) são bons exemplos disso. Os principais tópicos que recebem a atenção de Paulo nestas seções são:

casamento e divórcio (7:1-40), comida oferecida a ídolos (8:1-13), dons espirituais (12:1-14:40), coleta de fundos para Jerusalém (16:1-4) e sobre Apolo (16:12). Não significa que apenas somente isso tenha sido tratado; pelo contrário, há até outros temas, contudo, estas são as mais perceptíveis (Hasel, 2000).

2.3. Conclusão Parcial

O estudo empreendido neste capítulo tem grande importância. Visto que Paulo não deixa explícito aos seus leitores de dois milênios após sua vida como realmente era o “falar em línguas” na igreja em Corinto, precisamos nos inteirar do contexto histórico para voltar no tempo e descobrir as características fundamentais desse pólo comercial antigo.

Como vimos, por lá transitavam pessoas do mundo todo daquela época. Corinto possuía um porto e sua localização fazia com que fizesse parte das principais rotas comerciais marítimas daquela região. Certamente os idiomas mais conhecidos e usados eram facilmente reconhecidos pelas ruas da cidade, havendo uma grande mistura cultural, algo natural para o local.

Além disso, Corinto também era conhecida por sua depravação moral e (ironicamente) por sua religiosidade. Havia muitos templos dedicados a deuses específicos, onde a prostituição era parte dos serviços rituais. Quanto à falta de moralidade, esta se revela tão assombrosa a ponto de o nome da cidade passar a significar algo como devassidão.

No próximo capítulo estas informações se mostrarão ainda mais úteis quando o texto “falar por si mesmo” por meio da exegese e reflexão teológica.

CAPÍTULO III

ANÁLISE EXEGÉTICO-TEOLÓGICA

Neste terceiro e último capítulo propomos uma análise do termo original para “línguas” em nosso contexto, bem como uma reflexão teológica sobre tudo o que descobrimos. O vocábulo grego para “línguas” no Novo Testamento é *glôssa*. Começamos por breves significados de *glôssa* na antiga Grécia e seu uso na LXX, para em seguida explorarmos o testemunho do Novo Testamento. De antemão revelamos que nosso termo em questão não sofreu transformação extraordinária com o avanço do tempo.

Na antiga Grécia *glôssa* possuía principalmente um sentido fisiológico, sendo, portanto, o órgão da fala e degustação de animais e homens. Isso é verificado em Homero. Já em um sentido figurado representava a habilidade de falar, inclusive com o sentido de “idioma” ou “dialeto”. Na Bíblia Hebraica traduzida para o grego (LXX), *glôssa* ocorre 160 vezes. Dessas, em 100 vezes tem que ver o significado exposto acima. Na Bíblia da era cristã o uso de *glôssa* diminui um pouco, sendo em 52 o número de ocorrências.

Seu emprego neotestamentário atesta que passa a haver um significado teológico em torno de *glôssa*, principalmente pelos eventos ligados ao Pentecostes e à controvérsia existente em Corinto. Por isso mesmo Atos e 1 Coríntios concentram quase 50% das aparições de *glôssa* no Novo Testamento (Brown, 1983). Nesse período, *glôssa* não seria simplesmente o órgão humano da fala ou responsável pelo sentido do paladar; agora dizia respeito também ao

fenômeno de “falar em línguas”. Na verdade, no período posterior tornou-se praticamente um termo técnico para designar o que havia acontecido em Jerusalém e Corinto (Hasel, 2000).

Concentramo-nos a partir daqui nos capítulos 12 a 14 da primeira epístola aos coríntios, que constitui nossa abordagem central. Ali encontramos *glôssa* em vinte e uma oportunidades; no capítulo 12, três vezes; no capítulo 13, somente duas vezes; e no capítulo 14, dezesseis vezes. Vamos refletir sobre o contexto destes três capítulos e realizar uma exegese de termos e versos-chave no último capítulo.

3.1. O Contexto de 1 Coríntios 12 e 13

Conforme consta no capítulo dois, Paulo escreve sua primeira carta à igreja de Corinto para solucionar vários problemas dos quais obteve conhecimento. A discussão sobre “falar em línguas” surge no contexto dos dons espirituais, iniciada justamente no capítulo 12, quando o apóstolo inicia com “a respeito dos dons espirituais...” (1 Cor. 12:1). Hasel afirma que “é no bojo desta resposta que Paulo avalia os vários dons do Espírito Santo (1 Cor. 12:31)” (Hasel, 2000).

Pelo texto bíblico não há como dizer qual o questionamento exato chegou aos ouvidos de Paulo, mas o fato é que ele se concentra na comparação entre os dons de profecia e línguas, antes, porém, exaltando o amor, incentivando sua busca e demonstrando sua superioridade em relação a qualquer outro dom (1 Cor. 13).

Após uma introdução de três versículos, o autor da epístola aponta a fonte de todos os dons nos versos 4 a 7. Ele profere que o “Espírito”, o “Senhor” e “Deus” são os mesmos nas diferenças apontadas, ou melhor, os responsáveis finais pelo dom que cada um possui. A seguir, foca a diversidade de dons possíveis apenas pela atuação da Trindade, listando um total de nove. Nessa lista é interessante notar que a “variedade de línguas” e sua interpretação ocupam o último lugar (v. 10). Esta é a primeira aparição de *glôssa* em nosso texto.

O próximo ensino de Paulo é a unidade do corpo de Cristo (v. 12-31); todavia, ao final ele mais uma vez lista alguns dons que “estabeleceu Deus na igreja” (v. 28). E mais uma vez, após uma sequência de nove dons, “línguas” ocupa o último lugar. Parece não restar dúvida que Paulo quer fazê-los enxergar que o dom de línguas não é o mais importante, como talvez gostariam que fosse. A terceira ocorrência de *glôssa* neste capítulo vem logo em seguida à segunda. O capítulo finda com algumas perguntas retóricas que evocam um “não” como resposta e dizem respeito à diversidade dos dons: “Falam todos em outras línguas?” (v. 30). Obviamente não, assim como todos os dons não são dados a todas as pessoas. Assim sendo, Paulo discorre sequencialmente sobre o dom acessível a qualquer cristão, “um caminho sobremodo excelente” (v. 31).

O capítulo 13 de 1 Coríntios contém apenas duas referências à “línguas”, nos versos um e oito. Em ambas o autor enfatiza a superioridade do amor sobre as “línguas”, explorando inclusive a temporalidade deste último dom, enquanto “o amor jamais acaba” (1 Cor. 13:8).

3.2. Contexto e Exegese de 1 Coríntios 14

A esta altura é imprescindível frisar ponto importante. Em 1 Coríntios 12 e 13, *glôssa* é plural nas cinco vezes em que aparece, o que se vê parcialmente no capítulo subsequente. Das dezesseis vezes que *glôssa* surge no capítulo 14, exatamente na metade dos casos se encontra no singular. Isto pode ser algo superficial quando pela primeira vez nos deparamos com essa realidade; mas é necessário se prestar uma maior atenção nesse caso.

Paulo seguia um padrão de escrita ao se referir às línguas nos cinco versos anteriores onde *glôssa* aparece (12:10, 28 e 30; 13:1 e 8). Quando ele escreve para realmente explicar sua exortação sobre “línguas” ocorre uma mudança em sua maneira de escrever. Isto pode perfeitamente subentender que o escritor tem em mente alguma distinção de significado transmitida simplesmente pelo número gramatical do substantivo em questão, ou simplesmente o singular e plural de *glôssa*.

Essa idéia é sugerida por Wilson Paroschi e aqui está a chave hermenêutica da glossolalia em Corinto. Ele observa que a expressão singular incondicionalmente é acompanhada com restrição ou algo negativo, enquanto que à expressão plural sempre segue uma perspectiva positiva. Com este panorama em mente, entende-se que *glôssa* (no singular) é a maneira como Paulo se refere a uma língua extática, que teria sido incorporada na liturgia da igreja coríntia por influência dos cultos gregos pagãos. Veja o que afirma este autor (Elwell, 1992):

“No mundo antigo, profetas pagãos eram comumente associados com exclamações extáticas, arrebatamentos e comportamento frenético. Há registros de fala extática e de coisas semelhantes no Egito, no século XI a.C. No mundo helênico a profetisa de Delfos e a sacerdotisa sibilina

falavam em linguagem como de êxtase, bem como glossolalia. Muitos dos mágicos e feiticeiros do mundo do século I demonstram fenômenos semelhantes, como no caso do “espírito adivinhador” (ou possivelmente ventriloquia) em Filipos, em Atos 16:16-18.

Mais uma vez não há obstáculo algum para se acreditar dessa forma. Como cidade onde o movimento de pessoas era intenso, não é difícil entender que cada grupo religioso trouxesse seus costumes para Corinto. Acaso seria algo improvável que mesmo os rituais pagãos citados por Elwell encontrassem adeptos em Corinto, seja com o formato do culto tradicional grego ou com uma nova roupagem? E mais: para uma igreja onde até mesmo incesto estava acontecendo (1 Cor.), seria impossível que cristãos mal-orientados caíssem no erro de falar “em linguagem como de êxtase”, como os pagãos?

Tomemos algum tempo para a análise dos versos capitais de 1 Coríntios 14 a partir desse ponto de vista. As duas primeiras formas de *glôssa* vêm no singular (v. 2 e 4). É-nos dito que “quem fala em outra língua não fala a homens” e edifica a si mesmo. Além desse “egoísmo” quanto à prática, aparentemente há outro problema carente de explicação. Se o falar em “língua” nesse verso não procede de Deus (conforme defendemos aqui), o que seriam os “mistérios” referidos no fim do verso 2? Muitos autores destacam o valor de “mistério” na Bíblia para validar a tese de que este vem de Deus, e conseqüentemente as línguas não poderiam ser extáticas, mas idiomas estrangeiros desconhecidos de quem fala.

De fato, o termo “mistério” (grego *mystérion*) tem um desenvolvimento significativo, principalmente em Colossenses e Efésios. Possui o sentido de “verdades de Deus uma vez escondidas por Ele sobre o plano da salvação e que

agora passam a ser conhecidas e reveladas na sua totalidade” (Hasel, 2000). É usada outras vezes ainda em 1 Coríntios (2:1, 7; 4:1; 13:2; 15:51). Porém, C. K. Barret coloca a hipótese de Paulo não se referir ao sentido técnico de “mistério” em 1 Coríntios 14:2 (Barrett, 1968), o que torna viável a possibilidade dos “mistérios” não virem de Deus, mas serem frutos da ininteligibilidade da “língua” referida no mesmo verso. Há harmonia quando se lê o texto dessa forma.

Na alternância que o escritor faz durante todo o capítulo 14 entre o plural e singular de *glôssa*, passamos ao verso 5, onde ele manifesta o desejo de que todos falassem “em outras línguas” (v. 5a). Repare que “línguas” (no plural) é superior à “língua” (no singular). A primeira é advogada por Paulo, a segunda é desprezada, afinal “ninguém o entende” (v. 2b). Entretanto, ambos são inferiores à profecia (v. 5b) quando não há “interpretação”.

Paulo questiona a igreja de Corinto no verso 6 acerca da importância de falar em “línguas” (um outro idioma como meio de comunicação), se não houvesse o conteúdo a transmitir, fosse por meio da revelação ou doutrina. Por outro lado, no verso 9 ele afirma que os coríntios falam ao ar, quando nada de compreensível sai de sua língua. Aqui “língua” aparece com o sentido de órgão do corpo humano responsável pela fala, nada tem que ver com o sentido teológico que estamos tratando.

Continuando sua instrução sobre “língua”, os versos 13 e 14 comentam a responsabilidade de haver interpretação, caso contrário, “a mente fica infrutífera”. Isto é o resultado de sons sem nexos; não contribuem para o crescimento cristão. Em virtude desse fato, Paulo fala “em outras línguas” (v. 19), idiomas de nações ou regiões que inclui coerência e inteligibilidade.

As próximas ocorrências de *glôssa* envolvem uma preocupação com os visitantes. Por três vezes, entre os versos 21-23, é mencionado seu plural. Em resumo, o que esta passagem comunica é que as “línguas” têm o valor de sinal para os descrentes. Assim como ocorreu no Pentecostes, quando se conhece alguém e sabe-se um pouco de sua limitada educação, se esta pessoa vier a falar em um idioma que talvez nunca tenha tido a oportunidade sequer de ouvi-lo, sem dúvida constitui-se num grande sinal. É isso que Paulo quer dizer nesse trecho. Em contrapartida, quando entramos em um determinado ambiente e cada um ali fala em uma língua (idioma) diferente, ao mesmo tempo, por certo não julgaríamos bem tal ambiente. Ele está pregando cautela, equilíbrio e sabedoria para aplicar o correto dom de línguas na igreja.

Convém notar que Paulo não é absoluto em algumas de suas afirmações, sendo mesmo bastante flexível. Apesar de toda instrução até aqui, ele admite que, no caso de ainda assim alguém falar em “língua” (fenômeno extático), que haja quem interprete (v. 26 e 27). Ele não exclui por definitivo tal abordagem.

E por último, *glôssa* consta em 1 Coríntios 14 no verso 39. Enfatizando novamente a ordem de fazer tudo com “decência e ordem” (v. 40), o apóstolo adverte a não proibirem o “falar em outras línguas” (v. 39), pois este dom poderia se manifestar no contexto cosmopolita de Corinto e converter muitos corações à Deus.

3.4. Conclusão Parcial

Algumas conclusões devem ser tiradas deste estudo exegético-teológico. O primeiro tem que ver a diferenciação entre “língua” e “línguas” no capítulo 14,

enquanto que nos dois anteriores um padrão é mantido. Vimos que há uma distinção sutil do apóstolo Paulo ao denominar a contrafação do verdadeiro dom de línguas como “língua”. Usando de sabedoria, talvez, ele decide não atacar claramente o problema, muito menos enfrentá-lo de frente. Ele enfatiza a inteligibilidade (1 Cor. 14:7-9, 16-19, 22, 27-28), levando os membros coríntios a pensar. Assim sendo, desqualificaria mais facilmente aquele ritual pagão infiltrado no cristianismo.

Pelo que vimos até agora, cremos já ter condições de nos posicionar acerca do dom de línguas na igreja de Corinto.

CONCLUSÃO

O primeiro capítulo deste trabalho revisou a literatura básica acerca do “falar em línguas” no contexto em Corinto. Duas posições básicas surgiram na tentativa de explicar como se dava a manifestação desse dom naquela igreja, que teve de ser orientada pelo apóstolo Paulo, tomando três capítulos de sua primeira epístola aos coríntios.

A primeira sugere que a desordem no culto coríntio quanto ao número de pessoas falando ao mesmo tempo tinha que ver apenas com a expressão através de línguas ou idiomas de outras nacionalidades. Como metrópole e possuidora de um porto estratégico para as rotas comerciais da época seria natural que houvesse representantes de vários idiomas em Corinto, e por extensão na igreja. A desordem aconteceria porque estes estavam falando ao mesmo tempo, e ninguém entendia nada. Os “mistérios” (v. 2) seriam exatamente estes: como poderia um grego de origem entender um latino sem que houvesse tradução? Qualquer coisa que o primeiro falasse seria um mistério pra ele.

Em contrapartida, um segundo grupo opina que os “mistérios” assim o seriam em virtude da ininteligibilidade das pronúncias, visto que estas não passavam de sons monossilábicos, desconexos e extáticos. O ingresso desse estilo pagão no cristianismo local se deveria à forte presença pagã na cidade. Haja vista haverem mais de duas dezenas de templos dedicados aos mais distintos deuses, a influência desses ritos seria sentida na congregação iniciada pelos esforços do “apóstolo dos gentios”. O primeiro capítulo evidenciou a conveniência de uma pesquisa como esta se desenrolou.

O segundo capítulo indicou, de modo abreviado, o estilo de vida que levava um habitante na próspera Corinto do primeiro século da era cristã. Compreender o aspecto moral, cultural, histórico e religioso dos coríntios tornou-se importante para o resultado final desta pesquisa, visto que possibilitou o conhecimento da forma de pensar daquelas pessoas, bem como as circunstâncias que os levaram a ter uma moral tão baixa.

Podemos citar como exemplo o fato de que eram uma colônia do Império Romano, e portanto, pessoas trazidas de várias partes do mundo, sem raízes e valores. Isto tudo contribuiu para que fossem como eram. Este capítulo também discorreu sobre o início do ministério de Paulo em Corinto e sua relação posterior com a igreja que ele mesmo estabeleceu. Fatores que o motivaram a escrever 1 Coríntios e as instruções nela contidas foram mais bem esclarecidas pelo segundo capítulo.

Quanto ao terceiro capítulo, de natureza exegético-teológica, constatou-se que as evidências sugerem que o problema acerca dos dons espirituais enfrentados pelos coríntios foi combatido por Paulo de uma maneira bastante sutil, isto é, ao invés de ser veemente em sua abordagem e condenar a prática coríntia, ele escolhe apelar à razão discorrendo sobre inteligibilidade e a conseqüente primazia das “línguas” (idiomas conhecidos) sobre a “língua” (fenômeno extático).

Verificou-se que o termo grego para “língua” no Novo Testamento é *glôssa*, e que tem dois sentidos básicos: refere-se ao órgão do corpo humano ou à linguagem característica de um povo ou nação. Paulo a usa no singular (condenando-a), contrastando com o plural (que ele defende), pois tudo indica que

em Corinto se praticava o falso dom de línguas na crença de que fosse o verdadeiro.

Concluindo, entende-se que Paulo reprovava a expressão da “língua” na igreja de Corinto justamente porque era uma distorção do que foi assistido no Pentecostes. O verdadeiro dom de línguas tem que ver com algo compreensível, ao mesmo tempo em que há ordem. Quando lemos o relato do Espírito intervindo no Pentecostes (Atos 2), observamos essas duas características presentes. Entendiam os apóstolos em sua língua materna. Não obstante, em Corinto não havia nenhum dos dois elementos. Havia confusão, além do que muitas vezes não era possível saber o que estava sendo proferido. Não parece correto, portanto, defender uma glossolalia (como praticada hoje) equivalente à de Corinto.

BIBLIOGRAFIA

ALAND, Kurt et al. *The Greek New Testament*. Grand Rapids/MI: William B. Eerdmans, 2001.

ALMEIDA, João Ferreira de (Trad.). *Bíblia Sagrada: Revista e Atualizada*. Barueri/SP: Sociedade Bíblica do Brasil, 1993.

ARNDT William F.; GINGRICH, F. Wilbur. *A Greek English Lexicon of the New Testament and Other Early Christian Literature*. Chicago/EUA; The University of Chicago Press, 1952.

BARCLAY, William. *The First Letter to the Corinthians*. Buenos Aires/Argentina; Asociación Ediciones La Aurora, 1983.

BARRETT, C. K. *A Commentary on the First Epistle to the Corinthians*. New York/NY; Harper e Row Publishers, 1968

BITTLINGER, A. *Gifts and Graces: A Commentary on 1 Corinthians 12-14*. Grand Rapids/MI; William B. Eerdmans Publishing Company, 1967.

BROWN, Colin. *O Novo Dicionário Internacional de Teologia do Novo Testamento, vol. 3*. São Paulo/SP; Edições Vida Nova, 1983.

BROWN, Raymond Bryan. *Comentário Bíblico Broadman: Atos-I Comentários, vol. 10*. Rio de Janeiro/RJ, JUERP, 1984.

_____ *An Introduction to the New Testament*. New York/NY; Bantam Doubleday Dell Publishing Group, 1977.

BRUCE, F. F. *The International Bible Commentary*. Grand Rapids/MI; Zondervan Publishing House, 1979.

CHAIJ, Fernando. *La Glossolalia, um Nuevo Pentecostes?*. Mountain View/CA; Pacific Press Publishing Association, 1970.

CHAMPLIN, R. N. *O Novo Testamento Interpretado Versículo por Versículo*, vol. 4. São Paulo/SP; Editora Hagnos, 2002.

COENE, Lothar. *Dicionário Internacional de Teologia do Novo Testamento*, vol. 1. São Paulo/SP; Edições Vida Nova, 2000.

DAVIDSON, F. (Ed.). *Novo Comentário da Bíblia*. São Paulo/SP; Edições Vida Nova, 2000.

DOUGLAS, J. D. *O Novo Dicionário da Bíblia*, vol. 2. São Paulo/SP; Edições Vida Nova.

FEE, Gordon D.; STUART, Douglas. *Entendes o que Lês?*. São Paulo/SP; Edições Vida Nova, 1997.

ELWELL, Walter A. (Ed). *Enciclopédia Histórico-Teológica da Igreja Cristã*, vol. 2. São Paulo/SP; Edições Vida Nova, 1992.

GAEBELEIN, Frank E. *The Expositor's Bible Commentary*, vol. 10. Grand Rapids, MI; Zondervan Publishing House, 1990.

GUTHRIE, Donald. *The New Bible Commentary Revised*. Leicester/England; Inter-Varsity Press, 1970.

HASEL, Gerhard F. *Parousia*, vol. 1. Engenheiro Coelho/SP; Unaspress, 2000.

HARRISON, Everett F. (Ed.). *Comentário Bíblico Moody*. Imprensa Batista Regular, 2001.

HENRY, Matthew. *Comentário Exegético-Devocional a Toda a Bíblia*, vol. 4. Barcelona/Espanha; Libros Clie, 1989.

KISTEMAKER, Simon J. *New Testament Commentary: 1 Corinthians*. Grand Rapids/MI; Baker Book House Company, 1993.

KUGELMAN, Richard; BROW, Raymond E. (Eds). *Comentario Biblico San Jeronimo*. Madri/Espanha, Ediciones Crisandad, 1986.

MORRIS, Leon. *1 Coríntios: Introdução e Comentário*. São Paulo/SP; Edições Vida Nova; 1986.

_____. *Tyndale New Testament Commentaries: 1 Corinthians*. Grand Rapids/MI; William B. Eerdmans Publishing Company, 1995.

NICHOL, Francis D. *Comentario Biblico Adventista del Septimo Dia, vol. 6*. Boise/ID; Pacific Press Publishing Association, 1980.

PRIOR, David. *A Mensagem de 1 Coríntios*. São Paulo/SP; ABU Editora S/C, 1993.

ROS, Pablo Termes (Ed). *Enciclopedia de La Biblia, vol. 3*. Barcelona/Espanha; Ediciones Garriga, S.A., 1963.

THAYER, Joseph Henry. *Greek English Lexicon of the New Testament*. Grand Rapids/MI; Zondervan Publishing House, 1968

STAGG, Frank. *Glossolalia: Tongue Speaking in Biblical, Historical and Psychological Perspective*. Nashville/Tennessee; Abingdon Press, 1967.

THISELTON, Anthony C. *The New International Greek Testament Commentary: The First Epistle to the Corinthians*. Grand Rapids/MI; William Eerdmans Publishing Company, 2000.

VINE, W. E. *Diccionario Expositivo de Palabras del Nuevo Testamento, vol. 2*. Barcelona: Editorial Clie, 2002.